

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

O CONJUNTO DE SELOS DE CHUMBO PROVENIENTE DO CAMPO DAS CEBOLAS, LISBOA

Inês Simão¹, João Miguez²

RESUMO

Os trabalhos de arqueologia realizados no Campo das Cebolas, em Lisboa, permitiram identificar um importante conjunto de contextos preservados, balizados entre os séculos XVI e XX. Os níveis arqueológicos mais antigos correspondem a uma sobreposição de depósitos, fruto do assoreamento da Ribeira Velha, cujo avanço sobre o rio ganhou particular importância no século XVI, com o plano de aterros da frente ribeirinha iniciado por D. Manuel I. O seu valor patrimonial está essencialmente marcado pela presença de uma importante coleção de materiais quinhentistas, com diversas origens, entre os quais se contam o presente conjunto de selos em chumbo. Com um carácter eminentemente mercantil, este tipo de selos, usados com finalidades associadas aos impostos alfandegários ou à identificação de fabricantes e mercadores, contribuem para um melhor entendimento das trocas económicas decorridas em período moderno, com informações ao nível das entidades emissoras, das proveniências geográficas e dos impostos pagos.

Palavras-chave: Lisboa, Frente ribeirinha, Século XVI, Alfândega, Selos de chumbo.

ABSTRACT

The archaeological excavation carried out in Campo das Cebolas, Lisbon, allowed for the identification of an important set of contexts, dated between the 16th and the 20th centuries. The oldest of these contexts corresponds to a series of layers resulting from the silting and landfill of the Ribeira Velha, initiated by D. Manuel I, which gained particular importance in the sixteenth century. The presence of an important collection of 16th-century materials of various origins, including the present set of lead cloth seals, make's these contexts unique. With an eminently mercantile nature, used in customs duties or for the identification of manufacturers and merchants, these objects allow for a better understanding of the economic exchanges carried out during the 16th century and onwards, with information regarding issuing entities, geographical origins and tax payments.

Keywords: Lisbon, River Front, 16th century, Customs, Lead cloth seals.

1. ENQUADRAMENTO DOS TRABALHOS

Da Empreitada de Obra Pública para Execução dos Desvios dos Serviços Afectados para Construção do Parque de Estacionamento no Campo das Cebolas, resultaram um conjunto de trabalhos arqueológicos, a cargo da Era Arqueologia S.A., realizados entre os meses de Fevereiro e Julho de 2016. Estes trabalhos decorreram no centro histórico de Lisboa, na área do Campo das Cebolas, junto à frente ribeirinha da cidade, entre a Rua da Alfândega e a Aveni-

da Infante D. Henrique. Tendo ocorrido ainda numa fase prévia à construção do futuro parque de estacionamento, englobaram a escavação arqueológica do subsolo a afectar pelos trabalhos de desvios de infraestruturas previstos em projecto, assim como, os trabalhos de escavação prévia da área de implantação do futuro parque de estacionamento.

Ao nível dos desvios de infraestruturas de subsolo, foram realizadas 16 valas em toda a área de implantação do projecto, para desvio ou reforço de um conjunto diverso de infraestruturas de electricidade,

1. ERA – Arqueologia, S.A.; inessimao@era-arqueologia.pt

2. ERA – Arqueologia, S.A.; joao.miguez@gmail.com

telecomunicações, gás, água e saneamento urbano. Na maioria destas valas foram apenas afectados contextos contemporâneos, caracterizados pela presença de infraestruturas de subsolo pré-existentes e atingindo profundidades médias de cerca de 1m. De uma forma geral, os contextos arqueológicos identificados nestas áreas são representados por ocasionais caneiros de saneamento urbano, assim como, alguns alicerces de edifícios, ambas realidades pós-terramoto.

Entre estas áreas de intervenção destacaram-se quatro valas realizadas no traçado para a construção de um novo colectador de saneamento urbano que correspondem às áreas de intervenção com maior impacto no subsolo, nas quais se atingiu cotas de cerca de 4m de profundidade. A sua escavação permitiu identificar um importante conjunto de contextos preservados, representando os níveis de ocupação do Campo das Cebolas, entre os séculos XVI e XX. Foram ainda observadas realidades associadas a estes mesmos contextos na área de implantação do futuro parque de estacionamento, local onde os trabalhos arqueológicos englobaram uma fase de escavação prévia, a uma profundidade de c. 1,70m. Aqui afectaram-se essencialmente níveis de aterro contemporâneo, associados a remodelações do Porto de Lisboa, ocorridas em finais do século XIX. Encontramo-nos numa zona geográfica com um papel bastante relevante na evolução de Lisboa, em plena frente ribeirinha, na base da colina do castelo e aberta a Sul para o estuário do Tejo. Esta área vai, desde logo, destacar-se como local de acesso da cidade ao rio, principalmente para a população que habita a colina do castelo. A antiga Ribeira Velha teve assim um importante papel mercantil e portuário, com particular destaque para o período entre os finais do século XVI e o início do século XX.

2. A RIBEIRA VELHA NO SÉCULO XVI

O actual Campo das Cebolas, área anteriormente conhecida como Ribeira Velha, caracteriza-se precisamente pelo seu papel de acesso ao rio, desde os primeiros tempos da cidade de Lisboa. Estando historicamente associada à actividade portuária e de construção naval que se desenvolve em toda a frente ribeirinha da cidade, esta é uma zona de praia, fronteira e exterior às suas muralhas desde o período romano. Para aqui se abre a Porta do Mar, na Cerca Moura, e aqui se terão instalado áreas de tercenas

medievais (Silva, 1987:33-34), numa área de “faina de borda d’água” onde se desenvolvem actividades de calafetagem e arranjo de barcos, ou em cuja praia são estendidas as redes de pesca (Macedo, 1943: 5). Correspondendo a um terreiro que parte das muralhas, defronte ao casario que ladeia a Casa dos Bicos, a sua área foi aumentando através do espaço ganho ao rio, tanto pela fuga do mar, como pela mão humana, através da realização de aterros sucessivos da margem do Tejo. Coração da cidade Manuelina, a frente ribeirinha de Lisboa quinhentista vai sofrer importantes remodelações, essencialmente associadas à construção do novo Paço Real da Ribeira e à renovada importância da ligação ao Tejo, transformando-se na área mais rica e populosa da cidade, onde se localizam os principais estabelecimentos comerciais e as ruas mais movimentadas (Farinha, s.d.:14).

A instalação da Coroa no novo paço e o impulso dos Descobrimentos trazem, para esta zona ribeirinha, um conjunto de importantes edifícios da administração e do comércio como o Arsenal ou as Casas da Índia e de Ceuta. A nova igreja manuelina da Misericórdia e os edifícios da Alfândega das Sete Casas e do Terreiro do Pão vão agora separar o Terreiro do Paço e a Ribeira Velha, em cuja frente urbana, voltada ao rio, se vão instalar novos palácios da nobreza e burguesia comerciante. Incorporando a antiga muralha e criando um alinhamento de fachadas nobres, fronteiras à Ribeira Velha, ao longo da Rua do Cais de Santarém e até ao Chafariz d’El Rei, surgem por exemplo a Casa de Brás de Albuquerque (Casa dos Bicos), o Palácio do Duque de Aveiro, o Palácio dos Condes de Coculim ou o Palácio do Conde de Vila Flor. Em meados do século XVI, as descrições de Lisboa apresentadas por Damião de Góis (Góis, 2002) ou por Cristóvão Rodrigues de Oliveira (Oliveira, 1987), vertidas na cartografia de George Braunio, permitem conhecer esta cidade voltada ao rio, mostrando a zona da Ribeira Velha como um amplo terreiro onde é possível aportar pequenas embarcações. Estes autores referem um mercado de peixe e outros géneros, denominado Ribeira, e localizado, nesta altura, na zona oriental do Terreiro do Paço, fronteiro às Portas da Ribeira, “a que ocorrem todos os dias, peixeiros, salsicheiros, confeiteiros, talhantes, padeiros, doceiros, que se juntam em grupos para venderem tudo o que são géneros alimentares.” (Góis, 2002: 167)

Já Frei Nicolau de Oliveira, em 1620, (Oliveira, 1991)

apresenta a referência ao grande mercado na Ribeira Velha, a nascente do edifício da Alfândega, que terá, então, para aí sido transferido em finais do século XVI, transformando-se num dos mais importantes mercados da cidade. (Silva, 1987, vol.II: 143) Este momento corresponderá assim à ocupação da área do actual Campo das Cebolas como área urbana, após um importante avanço sobre a margem decorrido durante o século XVI. Esta transferência do mercado da área do Terreiro do Paço para a Ribeira das Portas do Mar, é então precedida por uma alteração na linha de costa que vem transformar a morfologia deste local, ocorrida no seguimento dos aterros das praias e margens do rio que já vinham a ser efectuados desde o século XIV, consoante aumentava a necessidade de mais espaço urbano, conjugando-se ao mesmo tempo com a acção natural das marés e assoreamento do rio (Castilho, 1941:191; Cruz, 2016). Os contextos mais antigos, identificados durante os referidos trabalhos arqueológicos, associam-se precisamente a este avanço da margem do rio, com um importante conjunto de níveis de assoreamento, cuja presença se observou desde a zona fronteira à Casa dos Bicos até aos paredões de cais pombalinos que os vieram sobrepor. Representam um momento em que se observa o referido avanço do espaço urbano sobre o rio, fruto das transformações da cidade manuelina, numa altura em que a frente ribeirinha de Lisboa sofreu as referidas remodelações, essencialmente associadas à renovada importância da ligação ao Tejo. Trata-se de um conjunto de depósitos de matriz essencialmente arenosa, caracterizados por uma componente cerâmica muito forte, cuja deposição, de acordo com as suas cotas, ocorreu de Norte para Sul. Localizados na antiga margem do rio, esta sucessão de sedimentos é, assim, formada por depósitos naturais de assoreamento da praia, intercalados por níveis de aterro, numa zona com influência directa das marés, onde se foi acumulando um numeroso conjunto de materiais aqui descartados.

O seu valor patrimonial é essencialmente assinalado pela presença deste espólio arqueológico, correspondendo aos lixos que aqui foram sendo despejados, e deixando-nos uma importante colecção de materiais quinhentistas, com diversas origens. De facto, o abundante conjunto de materiais dos presentes trabalhos arqueológicos vem maioritariamente destes níveis, onde foi recolhido diverso material cerâmico, em vidro, em metal ou em madeira,

assim como fauna e outros vestígios alimentares, como caroços e cascas de frutos secos.

Apesar da sua diversidade, as tipologias de materiais identificadas nestes depósitos mostram um conjunto homogéneo, que se enquadra genericamente no século XVI, corroborando os dados históricos relativos à alteração da frente ribeirinha lisboeta durante este século. Para além da maioritária presença de cerâmica comum, destaca-se a identificação de cerâmica importada, característica de sítios arqueológicos com ocupação quinhentista, um pouco por toda a Europa, assim como África e América, dando conta de uma cidade aberta aos mais importantes circuitos comerciais da época.

3. OS SELOS DE CHUMBO

O uso de selos para identificação de mercadorias tem uma utilização que remonta a épocas antigas, sendo abundantemente usado, por exemplo, no período romano, em diversos tipos de contentores e em diferentes materiais. São mesmo conhecidos alguns exemplos de selos romanos em chumbo identificados no Museu de Lyon, França (Ceballos-Escalera, 2002:323). Mas será no final da Idade Média, com o advento dos Descobrimentos, que o uso deste tipo de selos se vai massificar, passando a ser maioritariamente feitos em chumbo, material de fácil manuseamento, durabilidade e abundância (Fernandes, 2014: 12).

Já o controlo alfandegário, ou o conceito de alfândegas como hoje o conhecemos remonta, em Portugal, ao século XII, encontrando-se referências à mesmas nos forais do início da independência portuguesa. O foral de Setúbal, datado de 1249, é o primeiro exemplo do uso da palavra alfândega. Esta, pode-se definir de um modo básico como “... *estâncias onde se arrecadam os tributos estabelecidos sobre as mercadorias que entram ou saem de um paiz.*” (Lencastre, 1891:4). Estas primeiras alfândegas funcionariam de modo algo diferente ao que posteriormente foi posto em prática, adoptando também um papel de albergarias. Aqui os mercadores poderiam ficar alojados, pagando tributo consoante as mercadorias que transportavam, conservando o albergueiro parte deste tributo para si e ficando o restante para o rei ou para o detentor das terras, conforme o sistema feudal estabelecido e modo de tributação ainda remanescente da época romana (Lencastre, 1891: 5-6). Conforme referido, será no final da Idade Média que

estas instituições e o seu funcionamento sofrem algumas alterações, em virtude do alvor dos Descobrimentos e do aumento exponencial da actividade mercantil relacionada com os mesmos, assim como, do incremento das rotas comerciais e trocas entre as várias nações da Europa.

As alfândegas funcionavam então como um meio de controlo das transações comerciais, onde entravam as mercadorias que chegavam por várias vias, fiscalizando as mesmas. Estas instituições cobravam a sisa e a dizima, impostos sobre os diversos produtos recebidos (Fernandes, 2014:14). Foi precisamente com a cobrança da sisa que se massificou o uso dos selos nas mercadorias, sendo os mesmos usados para selar estes bens e identificar a sua origem, assim como controlar o pagamento do imposto pelas autoridades alfandegárias, quer no ponto de origem quer de chegada. Seria na alfândega de chegada dos produtos que os selos seriam arrancados e inutilizados, o que explica a sua raridade na maior parte dos contextos arqueológicos. Este processo, relativo à cobrança dos vários impostos e à recepção dos produtos, obedecia a uma série de leis e códigos, já descritos em pormenor noutros trabalhos mais extensos sobre o tema (Fernandes, 2014; Pereira, 1983), importando aqui reter alguns destes.

Sabemos, por exemplo, que havia alguns produtos que não eram alvo da sisa, sendo nestes casos, o selo de chumbo golpeado pelo meio (Fernandes, 2014:18). Um exemplar de um selo que sofreu este tratamento é visível na peça CCLX132.

É, portanto, a partir de meados do século XV que os selos de chumbo se massificam, sendo usados por toda a Europa em vários produtos, com especial foco na indústria têxtil. Estes, por norma, eram peças circulares, medindo entre 2 a 6 centímetros de diâmetro, fabricados em molde e sendo aplicados a quente sobre as peças a selar ou sobre cordas que posteriormente eram atadas aos produtos, não deixando de se conhecer outras morfologias (Ceballos-Escalera, 2002: 324). As várias tipologias conhecidas para estes objectos, resumidas com mais detalhe no trabalho de Bruno Fernandes (2014:26), diferem essencialmente na forma da peça e no modo como eram seladas as mercadorias.

4. O CONJUNTO DE SELOS DO CAMPO DAS CEBOLAS

O conjunto de selos exumados durante as escava-

ções para o desvio de infraestruturas no Campo das Cebolas é constituído por 11 selos de chumbo e um em ferro. Das várias tipologias de selos conhecidas (Sousa, 2016: 6; Fernandes, 2014: 26), é possível reconhecer algumas neste conjunto, ainda que o mau estado de conservação de algumas peças não o permita com total exactidão (Figura 1). Ainda assim, podemos afirmar que estamos na presença de um conjunto de “selos de pano”, cuja função, como vimos, se prendia com a fiscalização e controle de tecidos nas alfândegas. Estes variavam principalmente na forma como eram fixados às mercadorias.

O selo CCLX125 (Figura 2), feito em ferro, apresenta na face frontal uma esfera armilar, onde ainda se lê a inscrição “DISI”, que corresponde ao imposto a ser cobrado, neste caso a dizima, encontrando-se a outra face bastante deteriorada, sendo ainda possível reconhecer as 5 quinas. Este selo é proveniente da Alfândega de Lisboa, com uma datação entre 1521 e 1557, do reinado de D. João III.

No Selo CCLX126 (Figura 3), em chumbo, observa-se numa das faces a letra A, verificando-se na outra face, apesar de mais deteriorada, uma figura que corresponderá a uma pinha. Este selo pertence à cidade de Augsburg, Alemanha, com uma cronologia entre 1550 e 1630.

Já o selo CCLX127 (Figura 4), em chumbo, apresenta características que o distinguem dos restantes, nomeadamente a sua morfologia. Este apresenta-se rectangular, do tipo denominado “tubular”, onde numa das faces se observa uma moldura com a numeração romana “LXVIII”, devendo ter como proveniência a região de Norwich, Inglaterra, de onde são conhecidos vários exemplares semelhantes ao agora apresentado.

Os selos do tipo “tubular”, com origem na Alemanha, usados praticamente em exclusivo por fabricantes de tecidos holandeses e comunidade holandesa na Inglaterra, tratavam-se de “... *um cilindro oco onde é introduzida uma fiada de tecido sendo apertado com um alicate que o esmaga e fixa os motivos impressos nos cunhos*” (Sousa, 2016:7). As numerações que se verificavam nos selos poderiam corresponder a medidas de tecidos ou à qualidade dos mesmos.

Já o selo CCLX128 (Figura 5), em chumbo, onde é possível observar a presença de figuras apesar de se encontrar algo deteriorado, tem como principal característica o facto de provavelmente pertencer à categoria de selos denominada como privativos.

Estes, ao contrário dos selos alfandegários, eram usados pelos mercadores como forma de identificar as suas mercadorias, de modo a serem reconhecidas. As marcas poderiam ser monogramas com iniciais, alguns símbolos como âncoras e o chamado “*Sig-nofFour*”. Este último verifica-se com alguma frequência, por vezes em conjunto com as iniciais do mercador, representando o símbolo cristão “Chi Ro”, estilizado de modo a representar o algarismo 4. Esta representação simbólica poderia então estar ligada à protecção das mercadorias nos seus trajectos (Sousa, 2016:36).

Como referido, o mau estado de conservação deste selo CCLX128, não permite uma melhor classificação do mesmo, sendo possível apontar-lhe uma origem inglesa ou holandesa. Ao grupo de selos privativos poderá também corresponder a peça CCLX129 (Figura 6), também ela em chumbo e em mau estado de conservação, mas onde ainda é possível verificar a presença vestígios de uma figura/monograma. Mais uma vez o mau estado de conservação vem dificultar a classificação da peça CCLX130 (Figura 7). Esta, em chumbo, aparenta ter numa das faces uma figura que se assemelha a uma esfera armilar, ainda que muito deteriorada. Assim poderá tratar-se uma peça com origem numa alfândega portuguesa, ainda que não seja possível afirmar este dado com total certeza.

Já o selo CCLX131 (Figura 8) apresenta algumas características que o tornam numa peça única na colecção agora apresentada, não tendo sido possível, até ao momento, encontrar um paralelo para o mesmo. Circular e em chumbo, apresenta numa das faces duas mãos estilizadas lado a lado. Junto a estas observa-se a presença de um símbolo, que se assemelha a uma derivação do símbolo cristão “Chi Ro”, com as iniciais S P, rodeado por uma moldura de pontos que formam um círculo.

Também a peça CCLX132 (Figura 9) apresenta uma característica que a configura como única neste conjunto, sendo novamente uma peça circular, feita em chumbo, encontra-se golpeada no centro. Este golpe feito no selo, como mencionado, surge como indicação dos produtos que não eram destinados pelas sisas (Fernandes, 201:18), tratando-se do único exemplar golpeado presente neste conjunto.

Os restantes três selos pertencentes a este conjunto, CCLX133, CCLX134 e CCLX135 (Figura 10), encontram-se todos em mau estado de conservação, não sendo possível aferir qual a sua origem e datação. No entanto, correspondem os três a peças circu-

lares, feitas em chumbo, notando-se ainda na peça CCLX133 vestígios de um monograma/decoração.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto agora apresentado, formando um total de 11 selos, revela alguma importância patrimonial, dada a sua raridade em contextos arqueológicos intervencionados na cidade de Lisboa.

Esta raridade dever-se-á quer à própria natureza dos objectos, feitos em metal e como tal mais sujeitos à corrosão ao longo do tempo, mas também ao uso alfandegário dos mesmos, facto que ajuda a compreender o seu aparecimento em contextos intervencionados na frente ribeirinha de Lisboa. De facto, com o incremento de trabalhos de construção civil nestes locais, e consequentes trabalhos de arqueologia, será de esperar um incremento no número de artefactos deste tipo.

Ainda assim, através dos 11 selos agora apresentados, é possível retirar algumas conclusões e dados que permitem um melhor conhecimento destes artefactos e contextos da frente ribeirinha de Lisboa nos séculos XVI e XVII. Os exemplares exumados provêm dos níveis mais antigos identificados nos presentes trabalhos arqueológicos, que se encontram, como referido, associados ao aterro/assoreamento da frente ribeirinha da Ribeira Velha.

Marcada pelo avanço mais ou menos gradual da margem do rio para Sul, ao longo do período medieval, esta mesma margem irá sofrer um notório avanço durante o século XVI, altura em que a coroa portuguesa faz um importante investimento na remodelação da frente ribeirinha lisboeta.

As tipologias de selos referidas, bem como a sua proveniência e cronologia, enquadram-se então com os restantes materiais exumados destes contextos selados de aterro, representando um importante conjunto de materiais da Lisboa quinhentista e um importante momento na evolução urbana da Ribeira Velha, datado do século XVI e passagem para século XVII.

A sua proveniência do território nacional, assim como alguns exemplares ingleses e holandeses, demonstram, em conjunto, com os restantes materiais arqueológicos, a diversidade de produtos que davam entrada em Lisboa, testemunho dos circuitos comerciais do século XVI.

BIBLIOGRAFIA

CEBBALOS-ESCALERA Y GILA, Alfonso (2002) – *El real sello de paños de Segovia (función, tipología y usos de los sellos de paños en España)*. Espacio, Tiempo y Forma. Madrid. Serie IV, H.^a Moderna, t. 15.

CRUZ, João (2016) – *A cidade e o rio: origem e evolução da frente ribeirinha de Lisboa*. Dissertação de Mestrado integrado em arquitetura, Universidade de Évora.

GÓIS, Damião de, (2002) – *Elogio da cidade de Lisboa*. Lisboa: Guimarães Editores.

FARINHA, J.S.B., (s.d.) – Construção da baixa pombalina. *Cadernos do Metropolitano*. Lisboa. nº6, Metropolitano de Lisboa.

FERNANDES, Bruno (2014) – *Selos de mercadorias tardo-medievais e modernos das escavações arqueológicas da Casa do Infante (Porto)*. Repositório Aberto da Universidade do Porto.

LENCASTRE, Francisco Salles (1891) – *Estudo sobre as portagens e as alfandegas em Portugal – Séculos XII a XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional.

MACEDO, Luiz Pastor de (1943) – *Lisboa de lés a lés. Subsídios para a história das vias públicas da cidade*, Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal.

OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de, (1987) – *Lisboa em 1551*. Lisboa: Sumário, Livros Horizonte.

OLIVEIRA, Nicolau de (1991) – *Livro das grandezas de Lisboa (edição de 1620)*, Lisboa: Edições Vega.

SILVA, Augusto Vieira da (1987) – *As muralhas da Ribeira de Lisboa*, vol. I e II, 2^aed., Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal.

SOUSA, João (2016) – *Selos de chumbo. Os testemunhos de intercâmbios comerciais e do controlo fiscal no Algarve, do século XV ao século XIX*. Associação Projecto IPSIIS.

Sites

<https://kleipijp.home.xs4all.nl/metaal.htm>

<https://sites.google.com/site/plombdescelle/home>

<http://europlobms.forumpolish.com/t3609-plombs-trouves-au-lisbonne-portugal#12561>



Figura 1 – Conjunto de 11 selos provenientes do Campo das Cebolas.



Figura 2 – Selo CCLX125 com esfera armilar e onde se lê “DISI”.



Figura 3 – Selo CCLX126 onde se observa a letra “A”.



Figura 4 – Selo CCLX127 do tipo “tubular” onde se observa uma moldura com a numeração romana “LXVIII”.



Figura 5 – Selo CCLX128 onde é possível observar a presença de figuras apesar de se encontrar algo deteriorado.



Figura 6 – Selo CCLX129 em mau estado de conservação, mas onde ainda é possível verificar a presença vestígios de uma figura/monograma.



Figura 7 – Selo CCLX130 que aparenta ter numa das faces uma figura que se assemelha a uma esfera armilar.



Figura 8 – Selo CCLX131 onde se observa presença de um símbolo, que se assemelha a uma derivação do símbolo cristão “Chi-Ro”, com as iniciais S P, rodeado por uma moldura de pontos que formam um círculo.



Figura 9 – Selo CCLX132 golpeado no centro.



Figura 10 – Selos CCLX133, CCLX134 e CCLX135.

